
GRUPO DE ESPIRITUALIDAD IGNACIANA (GEI): *Diccionario de espiritualidad ignaciana*. Director: José García de Castro. Editores: Pascual Cebollada, J. Carlos Coupeau, Javier Melloni, Diego M. Molina, Rossano Zas Friz. Bilbao / Santander: Ediciones Mensajero / Sal Terrae, 2007. Vol. I: 904 pp., 23 X 16 cm. Col. Manresa, 37. ISBN 978-84-293-1708-4. Vol. II: 912 pp., 23 X 16 cm. Col. Manresa, 38. ISBN 978-84-293-1709-1.

Nos anos 1990, os Superiores Provinciais da Assistência da Europa Meridional da Companhia de Jesus tomaram a decisão de destinar um jovem jesuíta de cada Província a se especializar em espiritualidade inaciana. Cumprida a promessa, no ano 2000, foi constituído o “Grupo de Espiritualidade Inaciana” (GEI), integrado por seis jesuítas, doutores em espiritualidade e professores nas Faculdades de Teologia da Espanha e Itália. O GEI assumiu a direção da revista *Manresa* e nos oferece, agora, este DEI (Dicionário de Espiritualidade Inaciana). A obra, em dois volumes, é publicada dentro da prestigiosa coleção “Manresa”.

O dicionário, em forma poligrafada, havia sido apresentado no Congresso Internacional sobre Exercícios realizado em Loyola, em agosto do ano passado. Lá foi dito que a obra visava ao leitor médio da família inaciana, não ao principiante, nem ao especialista. Este último deverá consultar as fontes inacianas, disponíveis na coleção *Monumenta Historica Societatis Iesu* (Madrid / Roma, 1894-), e a bibliografia secundária, selecionada no final de cada verbete, com um total aproximado de 3.400 títulos. O dicionário foi pensado para o leitor iniciado e inte-

ressado no conhecimento de Santo Inácio de Loyola, seu carisma e sua obra, particularmente os *Exercícios Espirituais*. Os editores tinham o objetivo de ajudar todos aqueles que desejam dar continuidade a sua formação em espiritualidade inaciana (p. 23).

A obra é fruto da colaboração de 158 autores (a Introdução diz 156 e a contracapa 157, mas nas páginas 31-39 figuram os nomes de 158 colaboradores), dos quais 140 são jesuítas e 12 leigos e leigas. Entre leigos e religiosas, as mulheres são dez, algumas assinando vozes importantes (*abnegación, humildad, gloria, magis...*), além dos temas mais específicos delas (*Institutos religiosos femininos, mujer, María...*). Os autores procedem dos cinco continentes, escreveram originalmente nas seis línguas mais conhecidas e residem em 25 países diferentes. O Brasil está representado por quatro jesuítas (Alfredo Sampaio Costa, Carlos Palacio, João Batista Libânio e Luis González-Quevedo) e uma leiga (Maria Clara Lucchetti Bingemer).

Com anterioridade, haviam sido publicados a *Concordância Ignaciana / An Ignatian Concordance*, editada por Ignacio Echarte, na mesma coleção “Manresa”, nº 16 (Bilbao / Santander:

1996), e o *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesus*, editado por C.O'Neill e J.M^a Domínguez, do Instituto Histórico de Roma (Roma / Madrid: 2001, 4 vols.). Agora, este DEI vem preencher uma lacuna no nosso horizonte bibliográfico, como diz o Superior Geral da Companhia de Jesus, no prólogo. Pe. Peter-Hans Kolvenbach relaciona, também, o dicionário com o ano jubilar de 2006 (morte de Inácio e nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro) e os centenários do nascimento de Jerônimo Nadal (1507) e Pedro Arrupe (1907).

Na introdução, o diretor da obra, José García de Castro, define a espiritualidade inaciana como “uma forma religiosa de vida em relação ao Mistério de Deus, inspirada e fundamentada no modo de seguir Jesus Cristo que chegou até nós através da experiência de Inácio de Loyola (+1556) e seus companheiros, tal e como no-la transmitiram seus escritos, com destaque para o método e a mística dos *Exercícios Espirituais*” (p. 15). Elementos fundamentais desta forma cristã de viver são a pessoa de Jesus (cf. o verbete *Jesucristo*, assinado por Victor Codina), porta de acesso ao Deus Trino, intimamente vinculada ao sacramento da Eucaristia (cf. *misa*, Pietro Schiavone); o serviço da Igreja, Esposa de Cristo e “nossa santa mãe” (EE 353. Cf. *Iglesia*, por Diego M. Molina, que é membro da equipe de editores); o caráter missionário (cf. *misión*, Ignasi Salvat), concretizado nos mais variados ministérios (cf. *ministerios*, pelo também editor José Carlos Coupeau), “na defesa e propagação da fé e na ajuda das almas” (*Fórmula do Instituto*, 1); a “mundanidade” ou inserção no mundo, como “âmbito da missão e lugar de encontro com Deus” (cf. *mundo*, por Juan Antonio Guerrero, antigo aluno da FAJE e atual Mestre de Novíços na Espanha). José García de Castro cita, ainda, o esforço de renovação da

espiritualidade inaciana realizado a partir do Concílio Vaticano II. Entre as diversas publicações periódicas citadas, aparece uma editada no Brasil (*Itaici*, 1989-) e outras oito do continente latino-americano.

A obra inclui 383 artigos. Neles predominam as vozes de caráter teológico-espirituais, mas há também verbetes históricos (como os dez primeiros companheiros, citados já na dedicatória, e mais três jesuítas importantes na primeira configuração da espiritualidade inaciana: Juan Alfonso de Polanco, secretário de Inácio; Jerônimo Nadal, apresentador das Constituições e Vigário de Inácio, e Francisco de Borja, terceiro Superior Geral da Companhia de Jesus), geográficos (percorrendo todo o itinerário inaciano: *Loyola, Arévalo, Manresa, Cardoner, Montserrat, Barcelona, Jerusalén, Barcelona, Alcalá de Henares, Salamanca, Paris, Venecia, La Storta e Roma*), pedagógicos (*pedagogia ignaciana, Ratio Studiorum*), jurídicos (*Normas Complementarias, Reglas de la Compañía*, por Urbano Valero), e filológicos. Todos os escritos de Inácio são analisados: *Fórmula del Instituto, Constituciones, Diario Espiritual, Autobiografía, Deliberaciones de 1539, Deliberación de la Pobreza, Cartas* (estas últimas mereceram uma apresentação do diretor do DEI). Logicamente, os Exercícios Espirituais são os mais estudados, tanto na sua gênese (*ejercicios espirituales: a) génesis del texto*, por Javier Melloni, da equipe de editores) como nas suas etapas (*Principio y Fundamento, Primera Semana, Segunda Semana, Tercera Semana, Cuarta Semana e Contemplación para alcanzar amor*), na sua metodologia (*anotaciones, adiciones, reglas, directorios...*) e modalidades (*EE en la vida ordinaria, modalidades/adaptación*, este último verbete assinado pelo antigo diretor do Secretariado de Espiritualidade Inaciana, Joseph A. Tetlow). Quem dá os Exercí-

cios é chamado de “exercitador” ou “exercitadora” (*ejercitador/a*, do editor Pascual Cebolleda, além de *ejercitante* e *ejercitar-se*), em lugar do antigo “diretor” ou do mais comum, entre nós, “orientador” ou “acompanhante”. Há um verbete à parte para o acompanhamento espiritual (*acompañamiento*, por José Domingo Cuesta, do Noviciado da Província de Centro-América).

O dicionário não quis reduzir a espiritualidade inaciana à vida e escritos de Inácio de Loyola (1491-1556) e seus primeiros companheiros, mas teve presente, embora em muito menor proporção, a continuidade histórica nas Congregações Gerais da Companhia de Jesus e no governo ordinário dos Padres Gerais. Os editores foram conscientes da importância das contribuições dos últimos Gerais da Companhia (Pedro Arrupe e P.-H. Kolvenbach). O DEI incorporou, assim, vozes como *ecología* (J.B. Libânio), *ecumenismo* (Jos E. Vercruysse), *fe-justicia*, *inserción* (Adolfo M^a Chércoles), *inculturación* (remetendo à voz “cultura”) ou *opción preferencial por los pobres*. Esta última não foi confiada a um autor latino-americano, como seria de se esperar, mas ao teólogo José M^a Castillo.

A atualização ou re-interpretação da herança inaciana percebe-se, também, no espaço que o dicionário dedica a temas que em séculos passados teriam maior destaque. Se os temas *pecado*, *penitencia* e *salvación* conservam sua importância, a voz *infierno* remete à *escatología*, onde ocupa pouco menos de uma coluna. E o outrora protagonismo do *enemigo* (o “inimigo da natureza humana”, “adversário”, “chefe dos inimigos”, “demônio” ou “Lúcifer”) é relegado ao papel de coadjuvante na luta que todo ser humano deve enfrentar com o mal, cuja dimensão sócio-histórica é destacada (cf. a voz *mal espíritu*, assinada pelo atual

Superior Provincial da Província Brasil Centro-Leste, Carlos Palacio).

A perspectiva teológico-espiritual, dominante em um dicionário de espiritualidade, comprova-se em vozes como *castidad* (Thomas Hollweck, citando na bibliografia o artigo “Um amor para toda a vida: Jesus e a castidade”, *Itaici* n^o 56 (2004) 58-77), *contemplación* (além de *contemplativo en la acción*), *mística ignaciana* (Rossano Zas Friz, da equipe de editores), *obediencia* (Herbert Alphonso), *oración ignaciana* (William A. Barry), *pobreza* (Urbano Valero), *vocación* (Gabino Uríbarri). Tratando-se de um dicionário de espiritualidade inaciana, é compreensível a ênfase dada ao discernimento, em vozes como: *consolación*, *consolación sin causa precedente*, *desolación* (incluindo uma análise psicológica da mesma), *discernimiento*, *discernimiento comunitario* (Edward Mercieca), *discreta caritas* (Ignacio Iglesias), *discretio* (Santiago Arzubalde) etc. E não podiam faltar expressões tão inacianas como *amigos en el Señor* (Javier Osuna), *conocimiento interno* (Adolfo M^a Chércoles), *cuenta de conciencia* (José Luis Sánchez-Girón), *cuerpo apostólico* (Alfonso Álvarez Bolado), *disponibilidad* (Jean Yves Calvez), ou *elección* (Alfredo Sampaio Costa).

Na intenção dos editores, o dicionário deveria integrar uma certa interdisciplinaridade. Assim, quiseram relacionar a espiritualidade inaciana, em geral, e os Exercícios Espirituais, em particular, com a Bíblia (*Biblia y Ejercicios*, pelo Cardeal Martini), a Liturgia, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso (*Islam, hinduismo*), bem como com a antropologia. Na voz *Psicología y Ejercicios*, diversos especialistas estudam a relação dos Exercícios com o Diário intensivo de Progoff, o processo corporal de Gendlin (*Focusing*), a psicoterapia de

Fritz Perls (*Gestalt*) e a “meditação profunda e auto-conhecimento”, de Mariano Ballester. Neste contexto, poderia ter sido incluído, nesta voz, o eneagrama. Da psicanálise freudiana, fala-se na voz *sexualidad*. Há um verbete especial para *Zen y Ejercicios Espirituales*.

Teria sido útil incluir um índice de autores citados na bibliografia. Sentimos, também, a falta de um índice ou sumário dos artigos, em ordem alfabética. Em compensação, inclui-se uma “proposta de leitura sistemática” (p. 49-64), bem como uma lista de termos afins, no final de cada verbete, para facilitar a leitura temática do dicionário. No final do segundo volume, sete “mapas conceituais”, elaborados por José Carlos Coupeau, pretendem ajudar o leitor a “navegar internamente” pelas páginas do dicionário: O gráfico introdutório (“Espiritualidade inaciana”) agrupa os termos do DEI em torno a seis grandes núcleos: “Santíssima Trindade” (Deus / Divina Majestade), “Igreja” (uma cultura / um povo), “Inácio de Loyola” (um ícone e um itinerário arquetipo), “Companhia de Jesus” (uma sociologia), “Homem / criatura / sujeito” (uma antropologia), e “Exercícios Espirituais” (um método espiritual para buscar a Deus).

Em uma obra desta natureza é inevitável que o leitor encontre lacunas, repetições e disparidades. Uma omissão lamentável é a do termo “política”, que foi objeto de uma vasta pesquisa no epistolário inaciano; a tradução espanhola foi publicada na mesma coleção Manresa (D. BERTRAND, *La política de San Ignacio de Loyola: El análisis social*. Col. Manresa, 28. Na orelha dos últimos volumes desta coleção, incluído

o dicionário, repete-se um erro de grafia do nome deste autor: onde diz *Bertand*, deve dizer “Bertrand”). Muito embora a seleção de autores tenha sido ampla, incluindo as regiões onde a espiritualidade inaciana está mais difundida, cabe ainda lamentar a ausência de autores que poderiam ter enriquecido a obra. Pensamos em Ricardo Antoncich, Carlos Cabarrús, Carlos Palmés, Hermann Rodrigues, Luis Valdez..., para limitar-nos a jesuítas da América Latina e do Caribe. Poderia ter sido uma boa ocasião de Ulpiano Vázquez apresentar a um público mais amplo seu conceito de “teografia”, que se tem revelado útil para o acompanhamento espiritual (cf. U. VÁZQUEZ, *A orientação espiritual: Mistagogia e Teografia*. Col. Leituras e Releituras, 3. São Paulo: Loyola, 2001).

No conjunto, porém, os editores merecem nosso sincero aplauso por ter conseguido levar a cabo, em um prazo bastante curto, uma obra que será de inegável utilidade a quantos trabalham no campo da espiritualidade inaciana. Claro sinal da oportunidade da mesma foi a boa acolhida que teve sua primeira edição, ao ponto de os editores estarem preparando já uma segunda edição.

A apresentação em dois volumes, com capa dura, torna mais manuseável e mais duradouro um dicionário que deverá ser, por muitos anos, fonte de consulta para quantos se interessam pela espiritualidade inaciana.

Luis González-Quevedo SJ

KAVANAUGH, John F.: *Following Christ in a Consumer Society: The spirituality of Cultural Resistance*. New York: Orbis Books, 2006. 240 pp., 21 X 13,8 cm. ISBN 978-1-57075-666-5.

Este livro tem uma originalidade. Foi editado pela primeira vez em 1981 com longo prefácio que reflete o contexto cultural daqueles anos. Havia então cristãos fortemente engajados que descuidavam a vida interior de fé com risco de acabar perdendo o próprio compromisso. O A. pensa neles e para eles escreve a fim de oferecer-lhes embasamento de fé para o compromisso. Há os cristãos de doutrina bem ortodoxa. O livro se dirige aos dois na tentativa de uma síntese que envolva “ativistas” e “fideístas”. As duas partes do livro são escritas ora para uns ora para outros, mas ambas têm sentido para todos. No fundo, está o binômio justiça e fé, e sua articulação interna de modo que os envolvidos com a justiça se alimentem da fé e os envolvidos com a fé se engajem com a justiça. O livro propõe mostrar que a fé autêntica se constitui pela justiça, expressa e encarnada nas relações sociais e na vida pessoal. A justiça não é tudo o que existe na fé, mas não se vive realmente a fé sem a prática da justiça.

O neoconservadorismo, associado frequentemente com moralidade e uma forma de fé, não conserva o que é mais rico e profundo nos seres humanos. Blinda-os diante dos fatos, não deixando que a realidade lhes questione a fé. É pragmático e não principial. Tem fome de legitimação de poder e prestígio, especialmente econômico, militar e ideológico. Reprime toda sugestão que defenda uma ordem justa a ser realizada no país. Conservadorismo dos próprios interesses. Há duas tendências: separar fé e justiça ou identificar a fé com determinado poder social, político e nacional, i. e., com o americanismo e o capitalismo.

O livro tem duas partes. A primeira é uma crítica da sociedade americana que vive sob o conceito controlador da “forma de mercadoria”. Quando nos percebemos a nós mesmos e as outras coisas, quando vivemos e nos comportamos sob a “forma” ou imagem da mercadoria, produzimos vidas de violência e medo, manipulação e alienação. A crítica se emoldura pela discussão de algumas idéias que K. Marx oferece a uma crítica cristã da sociedade e pela apresentação esquemática de uma antropologia cristã. A finalidade da primeira parte é revelar a crise espiritual no coração dos males sociais, políticos e econômicos. Nosso problema é a idolatria que tem presença sistêmica.

A segunda parte é uma apresentação da “forma pessoal” de perceber, avaliar e viver, como foi revelada na pessoa de Cristo. A finalidade é desvendar as implicações societárias e políticas da fé em Jesus Cristo e sugerir os caminhos para sustentar a vida de um cristão engajado por meio dos sacramentos, oração, compromisso, família e comunidade. O caminho de Cristo é o caminho da liberdade. Também ele sistêmico. Sua demanda sobre nossa vida é total e colide com nossa cultura.

É um livro interpretativo – tentativa de ver atrás do véu das aparências a nossa cultura e penetrar o sentido de uma religião que com frequência é combatida, mas raramente vivida.

Dez anos depois da primeira edição, o A. retomou o livro com outro prefácio que reflete a nova conjuntura dos anos 90. Aponta acontecimentos importantes deste momento histórico: a queda do muro de Berlim e do sistema comunista, a unificação da Alemanha, o massa-

cre de estudantes chineses depois de erguerem a estátua da liberdade na praça Tiananmen, eleições livres na Nicarágua, dissolução do *apartheid* da África do Sul com a libertação de Mandela e muitos outros eventos da situação mundial como americana. Os inícios da última década do século XX estavam maduros para chances sem paralelo: um grande novo Plano Marshal para os anos 90 poderia ter sido desenvolvido. O desarmamento e a conseqüente realocação de recursos poderiam ter sido empreendidos. Poder-se-ia ter reerguido o Terceiro Mundo. As oportunidades parecem ter sido tristemente desperdiçadas, sobretudo por parte dos EUA por causa de dois fatores fatais. Eles interpretaram a queda do comunismo como êxito inquestionável do capitalismo e se meteram na Guerra do Golfo Pérsico. O sucesso do capitalismo se mediu pelo gigantesco avanço econômico na linha da produtividade, pluralidade diferenciada na escolha dos bens de consumo, alta tecnologia, oportunidades profissionais, saúde, opções educacionais etc., enquanto o Terceiro Mundo penava na carência de bens elementares. Dez anos atrás, por ocasião da primeira edição do livro, não se questionava a produtividade do capitalismo nem a realização espiritual e econômica do marxismo. Mas o custo do capitalismo em termos de existência pessoal no nível psicológico, espiritual e cultural.

Agora, assim como o sistema comunista foi obrigado a encarar a inadequação e a destrutividade de seu modo de vida, é importante que o capitalismo o faça também. Esta foi a admoestação que João Paulo II fez no México ao Primeiro Mundo para não negligenciar um autoexame, especialmente de sua abundância, enquanto o Leste Europeu vive tormenta econômica e política. Adverte para repensar as prioridades e as políticas. Nos EUA, nos últimos dez anos a

ideologia da sociedade de consumo atingiu o ápice, simbolizada na estória de capa de M Magazine “Para o homem civilizado”: “Eu quero/necessito, portanto eu sou”. Altos salários, comércio religioso enquanto os sem-casa triplicaram para três milhões. O A. descreve uma série de desastrosos fatos econômicos ao lado dos maravilhosos benesses das camadas ricas. A sociedade do consumo continuava em ascensão à custa da desvalorização da pessoa humana. Uma voz crítica surgiu do 2º Mundo na pessoa de Vaclav Have, presidente da Tcheco-eslováquia.

Essa segunda edição trouxe pequenas atualizações de estatísticas, de citações e bibliografia, certa revisão do primeiro capítulo para oferecer aproximação crítica da cultura americana por meio de uma leitura da vida da sociedade de consumo e outras mudanças.

Agora estamos diante da terceira edição, 25 anos depois da primeira. O novo prefácio assinala as mudanças. Em termos de Igreja, esse período corresponde ao pontificado de João Paulo II que oferece visão integrada da fé cristã e da prática, desconhecida por seus críticos tanto conservadores como liberais.

Alguns sinais da nova conjuntura. Uma pesquisa da United Press de 2002 constatou que para os britânicos a morte da Princesa Diana foi o mais importante evento na história britânica – mais importante que a Reforma, as duas Grandes Guerras, a queda do império e até mesmo os *Beatles*. Tão curta memória! Fantástico nos últimos 15 anos foi o fato da entrada da informática, da midiática com as ramificações: *Amazon*, *Google* com 2,3 milhões de consultas mensais, *bloggins* com 23 milhões de publicistas pessoais em 2006, a velocidade das informações. Familiarizamo-nos com os crimes da Bósnia, de Rwanda, das Guerras do Golfo. Os políticos se tornaram mais pessoas midiáticas, como R.

Reagan, João Paulo II. O trauma de 11 de setembro de 2001: assalto definitivo a qualquer ilusão de invulnerabilidade humana. O conteúdo da TV assusta, desde programas de remédios sexuais até exibição da intimidade sexual de presidentes, artistas, atletas. *Reality shows* com sua rudeza celebram o egocentrismo de qualquer um, desde uma noiva até um homem de negócios. Sexo e violência freqüentam as TVs a cabo.

O modelo de consumo americano tornaria o planeta insustentável, se ele se generalizasse; com o crescimento da pobreza no mundo as armas deveriam transformar-se em arado, segundo a utopia de Isaías. A política de guerra americana, que vai além da guerra justa, está a colher uma violência global. E outros problemas da atual situação dos EUA são elencados como a reação a 11 de setembro de 2001, a marginalização dos direitos humanos ironicamente ao lado da defesa dos direitos dos animais. A reforma da missão da Igreja e de outras comunidades cristãs passa pela reforma de si mesmas, assoladas pela crise dos abusos sexuais de membros do clero com enorme descrédito delas. No fundo, há um problema de aceitação dos valores fundamentais do Cristianismo e de compromisso com a pessoa de Jesus Cristo por causa de uma sociedade despersonalizada e descristianizada pelo capitalismo. Nesse contexto aparece importante o legado ético e cristão do pontificado de João Paulo II, rejeitado por tantos ou aceito parcialmente conforme o interesse. A edição anterior coincidiu com a publicação da Encíclica *Centesimus annus*, onde o Papa celebra a queda do comunismo, reconhece o valor do mercado livre e da propriedade particular, mas adverte para o risco do domínio solitário do capitalismo e rejeita toda guerra. “Guerra – nunca mais!” Referia-se então à Guerra do Golfo Pérsico.

Apesar das urgências do ano 2006, o A. mostra-se mais paciente e benevolente em relação à cultura americana. Aceitando que sua vida fora colonizada, de muitos modos, pelo capitalismo, reconhece, no entanto, que isso o ajudou a ver a natureza de compromissos permanentes a serem abraçados no seguimento do Senhor.

A última edição trouxe mudanças com atualizações, citações. O primeiro capítulo foi consideravelmente re-escrito. O último capítulo sobre a bibliografia comentada foi modificado quanto a estilo e matéria.

Os três prefácios oferecem ao leitor excelente itinerário do A. e situam a obra na variedade de contextos. Ao analisar a vida da sociedade de consumo, constata o esvaziamento interior. Um anúncio da revista *Time* traz a simbólica frase que traduz bem tal cultura. “Em outras palavras, somos o que comemos, o que construímos e o que compramos”. Outro traço são as relações quebradas e fragmentadas. A sociedade do dinheiro preenche o vácuo deixado pelas instituições que alimentavam os valores: comunidade, religião, escola, universidade, família. Hoje vivemos num mundo em que os valores são relativos, iguais, sem autoridade e matéria de gosto. Pesa a influência da TV, carregada de violência. Uma criança americana vê por média 3 a 4 horas de TV por dia. A pessoa sem interioridade, cujo consumir e produzir se tornaram auto-destrutivos, é capaz somente de relações agressivas. A cultura consumista foge, em última análise, da vulnerabilidade do ser humano: doença, pobreza.

Na sociedade do consumo, o ateísmo não é o problema, mas em que Deus se crê. A pergunta verdadeira é: qual é o nosso evangelho na vida? Há dois evangelhos em jogo: um em que a pessoa está no centro, um outro em que a coi-

sa, a mercadoria ocupa este lugar. Uma parte do livro se dedica a estudar o “deus” do mercado, do consumo, das coisas presentes na sociedade americana com terríveis conseqüências humanas. A segunda parte do livro orienta-se para a “forma pessoal” de viver a realidade. É o modo de perceber e valorizar os seres humanos como pessoas insubstituíveis, cujas identidades fundamentais são realizadas nas relações de mútuo compromisso e de autoadoção entre seres livres, conscientes e autônomos. Uma filosofia personalista trabalha tal relação, mas, em última análise, o A. volta-se para a pessoa de Jesus Cristo, encontrado na história, na tradição, na Escritura, nos fiéis e na experiência pessoal. É a parte mais ampla do livro onde se oferecem elementos cristãos como resposta à cultura e à sociedade consumista.

De maneira bem sintética, as duas formas de existir mercadológica e pessoal, em oposição mútua, correspondem à sociedade de consumo e à visão cristã respectivamente. A primeira estabelece como valor fundamental a coisa, a comercialização da pessoa, seu valor pela produção e consumo. Predomina o conhecimento objetivo e descritivo, mensurativo e controlado, cuja qualidade é a quantidade. Enfatiza-se o conhecimento dedutivo respondendo à pergunta: qual é o objeto? A vontade se marca pelo determinismo, passividade, falta de compromisso. A violência caracteriza o comportamento. Predominam realidades como: domínio, manipulação, retaliação, punição, defesa, desvalorização da vida, exigência, competição e auto-posse. Respeito à afetividade, a sexualidade e o corpo se entendem sob aspecto mecânico. Conotam-na o medo, a ameaça, o descompromisso, a autocentração, a técnica, a externalidade, o revezamento, a frieza, a dureza. Posiciona-se do lado da acumulação, da invulnerabilidade,

da troca, do hedonismo. O ter, o *quid*, o ceticismo humano, a dúvida e a inércia humana, o isolamento individual, a falta de liberdade como condição final, enfim a morte, cercam tal compreensão humana. Finalmente, fuga de si, relação fragmentada, apego às coisas, degradação da pessoa e medo da vulnerabilidade.

O outro modelo é o pólo oposto. Realidade intrínseca da pessoa, sua consistência, o dom de si, fé, a autoconsciência e interioridade, a compreensão e confiança, qualidades humanas não mensuráveis, experiência imediata, o porquê das questões marcam os valores fundamentais da pessoa e da compreensão de conhecimento. A vontade se entende no campo da liberdade limitada, do autoinvestimento, do compromisso, da vitalidade. A paz define o comportamento da pessoa com suas conseqüências: aceitação da fraqueza, respeito da liberdade, perdão, cura, atitude desarmada, valorização dos últimos, convite, partilha, dom. A afetividade considera a sexualidade como sinal da pessoa, o corpo como templo e presença sagrada, sem medo. Cultiva postura de aliança comprometida, de devotamento, de autoadoção. Vê a realidade na perspectiva da finalidade, da interioridade, da unicidade, da ternura, da compaixão. Apontam-se virtudes da afetividade pessoal: desprendimento, vulnerabilidade, amor pródigo, generosidade. Na realidade pessoal, valorizam-se o ser, o que se pode ser, a fé e fidelidade, a esperança e a confiança, o amor, a liberdade como última condição, a vida. Enfim, a vida pessoal enche a solidão, redescobre a comunidade; é simples, comprometida com a justiça e a aberta às vítimas.

O livro retrata a cultura americana. Escrito por americano e para americanos. Enquanto essa cultura se estende, se ramifica e impregna outras culturas,

as análises e as reflexões teológicas adquirem validade mais ampla. É forte alerta para os cristãos que facilmente vivem a fé de maneira a-crítica e paralela à cultura e à sociedade, deixando-se impregnar por valores desumanos, anti-

cristãos, sem se questionarem a si mesmos nem questionar tais desvalores.

João Batista Libanio SJ

MORA, Gaspar: *La vida cristiana: Teología moral fundamental*. Tradução do original catalão por Olga Viña Macarro. Santander: Sal Terrae, 2007. 486 pp., 21,5 X 14,5 cm. Col. Presencia Teológica, 159. ISBN 978-84-293-1719-0.

Gaspar Mora I. Bartrês nasceu em Sant Andreu de Llavaneres, Barcelona, no ano de 1939. É sacerdote da nova diocese de Sant Feliu de Llobregat e doutor em Teologia pelo Instituto Alfonsiano de Roma (1973). Atualmente é professor ordinário de Teologia Moral na Faculdade de Teologia da Catalunha da qual foi Decano-Presidente (1988-1994) e atualmente é Vice-Decano. Das suas obras publicadas merecem destaque: *La Carta a los Hebreos como escrito pastoral* (Faculdade de Teologia da Catalunha, 1974); *La imaginació, dolor, mirall i rept* (Barcelona, 1966); *Què és ser cristià* (trad. esp. *Que es ser cristiano*: Barcelona, 2004). Dentre suas atividades de cunho pastoral destacamos sua dedicação à pastoral familiar. Foi Consiliário do CPM (Centros de Preparação ao Matrimônio) em nível diocesano, espanhol e internacional.

Inicialmente, o A. aborda o panorama da crise ética atual cujas raízes remontam ao “giro antropológico” efetuado pela modernidade ilustrada que forneceu as bases para as éticas da autonomia. O século XX, por sua vez, trouxe consigo o desencanto dos grandes discursos éticos e a decepção dos projetos modernos. O impacto da pluralidade cultural e religiosa, associada ao crescente processo de globalização e à emergência do indivíduo, caracteriza, em grandes linhas, a chamada pós-

modernidade e levanta hoje desafios éticos sem precedentes na história. Discussões acerca da possibilidade de uma ética universal, bem como o papel das religiões, (e em especial a contribuição do cristianismo) numa tal ética ocupam lugar de destaque no debate ético atual e constitui como que a inspiração de fundo da obra.

A teologia moral fundamental cristã estuda a pessoa moral à luz do evento Cristo, vale dizer, segundo o Evangelho (p. 35). Esta é sua especificidade em relação às demais propostas éticas. Por isso, o A. trata, em seguida, da antropologia ética, ou seja, da pessoa humana como sujeito ético, autoconsciente e livre e, por isso mesmo, sujeito de dignidade e responsabilidades (p. 39-63). A seguir, o A. se detém na estrutura da ação moral humana situando-a no horizonte da “orientação fundamental” de vida como alma do comportamento ético do ser humano a partir de onde é possível elaborar uma axiologia cuja referência básica é a plenitude humana, a antropologia realizada do ponto de vista moral (p. 64-75).

A temática da fundamentação da moral cristã e das diversas linguagens que a expressam, chamando atenção para o fato de que tal fundamentação diz respeito ao mistério de Deus revelado no Filho, Jesus Cristo, plenitude e significado pleno do humano para nós cris-

tãos, dá seqüência à obra (p. 85-107). As linguagens expressam esse centro unificador do discurso moral cristão com ênfases distintas (lei de Deus, vontade de Deus, palavra de Deus etc.) no decorrer da história, mas que não podem ser entendidas como heterônomas, e sim como expressões da nova vida no Espírito de Deus, ou seja, devem ser entendidas à luz do mistério de Deus que se revela como amor e vida e que, por isso, atrai a si a humanidade sem, contudo, contradizer a razão e sensibilidade humanas, senão levando-as à perfeição (p. 120).

O tema das virtudes é abordado a seguir como conteúdo da moral cristã. O conteúdo da moral cristã é a revelação de uma maneira de ser da pessoa e de ser pessoa, de autoposicionar-se ante o todo da realidade à luz do seguimento de Jesus Cristo, num processo sempre aberto que vai modelando o coração humano e configurando suas ações. O A. emprega muitas vezes a categoria bíblica de “coração” como núcleo profundo de unidade e sentido da vida ética do cristão (cf. p. 65, 72, 122-126, 128, 148, 182, 192, 254, 255, 261, 279, 360, 385-388). Deste modo, a noção de coração está estritamente relacionada à orientação fundamental. O A. articula então, a partir dos Evangelhos Sinóticos e com aportes do Novo Testamento, as virtudes que definem positivamente o homem novo segundo o Espírito evangélico, a saber, articula a fé, o seguimento de Jesus (esperança) e o amor, com aquelas atitudes que são conseqüências e âmbito de possibilidade da vida nova: a conversão, a pobreza e a liberdade. A exposição culmina na virtude da prudência como aquela que qualifica especificamente a atitude do homem novo no momento presente. É a prudência que predispõe o ser humano a discernir em toda circunstância o bem verdadeiro e o meio para realizá-lo. A resposta ao chamado de Deus consiste, em sín-

tese, em uma maneira de ser do coração, ou seja, o homem responde a Deus que se revela com toda sua maneira de ser, de posicionar-se ante a realidade, ante os demais e ante a si mesmo. Maneira esta que, para o cristão, é constituída justamente pela fé, pelo seguimento de Jesus, pelo amor, pela liberdade... como acentos diversos de uma mesma realidade.

As normas e as leis aparecem como exigências desta vida nova e sua expressão. Aqui o A. discorre sobre o sentido da exigência moral e da lei no conjunto da mensagem cristã. As leis não são primeiro, mas são decorrentes da vida nova do ser humano no Espírito de Deus. Nesse sentido, a lei (expressão objetiva da norma subjetiva) expressa o caráter peremptório da nova vida e tem função de conduzir a Jesus Cristo e a seu Espírito. A lei, portanto, não cria o conteúdo da vida autêntica do ser humano em Deus, mas o expressa; não cria o valor, mas o formula e o manifesta. Ela está dirigida ao bem comum e é promulgada por quem tem o cuidado da comunidade.

Os atos morais, por sua vez, são sempre decisões singulares em situações concretas e irrepetíveis. O tema da consciência moral, imprescindível no discurso ético, é aqui abordado pelo A. primeira e fundamentalmente como capacidade que o homem possui para compreender o bem e o mal moral como tais e de se sentir responsável por suas próprias ações. Tal capacidade foi-se manifestando lentamente na história, com aportes decisivos tanto do pensamento greco-romano como do espírito bíblico-cristão. Nas decisões concretas da vida é que se manifesta a verdade moral de uma pessoa. As decisões humanas são, portanto, o momento de realização da pessoa como ser livre e como ser moral. A decisão singular boa é o sacramento da vida do homem em

Deus, que é Aquele que chama, convida o homem a realizar-se humanamente, a crescer moralmente.

A negação da realização humana através de atitudes e atos que desumanizam é entendida, à luz da fé, como pecado. Se por um lado é fato que a sensibilidade do mundo atual não corresponde à compreensão cristã de pecado, por outro ninguém nega a realidade do mal enquanto situação de não-vida, não-salvação (misérias, injustiças...). Em suma, o pecado é a decisão humana que contradiz o bem moral, impede de alcançar a verdadeira plenitude, destrói a comunidade humana. Depois de longo percurso pela tradição bíblica, enfocando a dimensão pessoal, social e estrutural do pecado nos seus múltiplos desdobramentos (p. 293-360), o A. reflete acerca da relação entre pecado e orientação fundamental, assim como a correta compreensão de pecado no conjunto da mensagem cristã (p. 360-379).

Questões acerca do sentido da moral cristã coroam a presente obra. A moral cristã se entende e se apresenta a si mesma como uma revelação (p. 384) que é um ensinamento, uma resposta a uma pergunta e um anúncio do mistério transcendente cuja referência é Jesus Cristo enquanto verdadeira humanidade revelada. É neste horizonte de humanização que a ética cristã se abre ao diálogo com outras propostas éticas sem negar sua especificidade. A questão que se desenvolve aqui é a de como a mensagem ética cristã se entende a si mesma e como se apresenta no conjunto dos projetos éticos humanos. A afirmação central é a de que não há contradição entre moral cristã e moral humana, pois a mensagem evangélica se apresenta como convite a todos os homens a uma vida autêntica, bem como denúncia de tudo o que há de inumano em nossos costumes e em nossas éticas humanas. É nesse sentido que a mensa-

gem evangélica pode ser vista como critério de discernimento em nossa história. Além disso, a mensagem ética cristã não é imposta, mas proposta de realização e salvação diante da qual o homem livremente se decide por si mesmo. Desse modo, a moral cristã não é uma teoria ética, mas apresenta a pessoa e o mistério de Jesus Cristo (p. 394).

Quanto ao problema da não aceitação de uma fundamentação de cunho religioso para o discurso ético atual, o A. insiste no fato de que é desafio comum a todo ser humano buscar uma vida autenticamente humana. Trata-se, portanto, de algo fundamental para o ser humano e que, por isso, a discussão ética atual não pode simplesmente ignorar ou fechar-se àquelas propostas éticas (como a do cristianismo, por exemplo) que trazem em si essa preocupação básica com essa busca constante de realização humana.

A idéia básica capaz de alimentar o diálogo do cristão com o mundo funda-se, segundo o A., justamente no critério antropológico universal da busca ética. É na referência direta à humanização do ser humano como um todo que os grupos humanos, culturas e religiões se vêem interpelados a revisar suas posições éticas (aqui há referências explícitas às obras de Hans Küng: *Proyecto de una ética universal*; *Hacia una ética mundial*, p. 404). O lugar da moral cristã neste diálogo global está marcado pelo que é central na sua experiência: a unicidade de Jesus Cristo como realização pessoal e plena da verdadeira humanidade. Isso coloca a Igreja numa atitude sincera de diálogo de dupla direção: escutar e aprender de outras culturas e religiões, e propor a riqueza do Evangelho. A evangelização no contexto atual globalizado e plural não pode prescindir desse caminho 'dialógico'.

Com vistas a oferecer aos leitores uma reflexão acurada acerca da “teologia moral fundamental” (subtítulo da obra), é compreensível que a preocupação central do A. seja basicamente a da necessidade de autocompreensão do ser moral do cristão na sua constitutiva referência à revelação de Deus em Jesus Cristo como base fundamental a partir da qual é possível ao cristão contribuir significativamente no diálogo ético em meio a culturas e expressões religiosas distintas, sem perder sua especificidade e, ao mesmo tempo, sem deixar de apresentar sua proposta ética como proposta revestida de valor, digna de ser estudada, avaliada e acolhida, dada a real pretensão de universalidade inerente ao cristianismo. Obviamente, a proposta evangélica cristã na sua especificidade não é isenta de dificuldades na sua aceitação por não-cristãos, mas essa temática não é abordada suficientemente na presente obra. O A. deixa o tema totalmente em aberto ao afirmar conclusivamente que, por um lado, ele tem consciência de que a realização plena da mensagem cristã num âmbito global aparece como uma utopia e que, por outro, crê que tal mensagem é a única fiel à obra de Deus entre os homens, a única digna da grandeza, verdadeira missão da humanidade, e que, ademais, é o caminho adequado para a evangelização de nosso mundo (p. 411).

Ao final da obra, o A. ainda coloca à disposição do leitor uma vasta bibliografia no campo da moral: lista de manuais anteriores e posteriores ao Concílio Vaticano II, dicionários e obras coletivas, Documentos do Magistério, bibliografias específicas acerca da moral do Novo Testamento, e outras dezenas de caráter geral (p. 425-445).

Na leitura da obra, chama logo a atenção do leitor o fato de o A. fazer retomadas freqüentes, sob a forma de pequenos resumos, dos assuntos já trata-

dos, tanto no corpo do texto, quanto e, principalmente, ao iniciar e terminar cada capítulo. Pedagogicamente é interessante porque situa sempre o leitor quanto ao já exposto e ao que se pretende expor a seguir. Por outro lado, o próprio A. expôs em grandes linhas todas as idéias centrais que perpassam a obra, na forma de um apêndice sintético (p. 413-423), de modo que o leitor pode também se orientar por este “apanhado sintético”. Uma vez adotado tal procedimento, não havia necessidade das muitas retomadas, o que tornou a obra bastante extensa com muitas repetições.

A expressão “bem comum” é utilizada algumas vezes, mas o A. não se atém mais pormenorizadamente ao caráter problemático que envolve a compreensão dessa expressão em nossos dias.

Como a tradução da obra foi revisada pelo próprio A., não traz os problemas que são comuns ao exercício de tradução. A exposição dos temas é bastante clara e há uma boa seqüência lógica dos mesmos. Seqüência esta que o A. faz questão de enfatizar em suas freqüentes reiteraões. Os capítulos, por sua vez, estão bem divididos segundo os temas de que tratam e, à semelhança de um manual de consulta, podem mesmo ser lidos, sem maiores dificuldades de compreensão, prescindindo de todo da obra.

Enfim, o A. expõe com propriedade os pressupostos e os problemas capitais da teologia moral fundamental cristã e aponta a via antropológica como denominador comum na estruturação de um discurso moral que realmente preze pela pretensão de universalidade, bem como de fomentar e aprofundar, em nossos dias, o diálogo intercultural e inter-religioso nessa matéria.

Luiz Carlos Sureki SJ

O atentado terrorista contra as Torres Gêmeas a 11 de setembro de 2001 ofereceu ocasião para esse estudo. Feriram-se nele não somente os principais símbolos do poder político e econômico dos EUA, mas também surgiu o temor de que o ódio fanático se tornasse instrumento técnico-racional de amanhã. O A. sentiu-se tocado no mal-estar de sua geração que se perguntou como foi possível que nação de cultura europeia tão sofisticada, como a Alemanha, tivesse chegado à loucura ideológica do nazismo com absurdos crimes.

Nesse trabalho há interesse pessoal e cultural na luta contra o ódio e a intolerância, ao procurar entendê-los como pano de fundo do fanatismo. A história da humanidade é também história de seu fanatismo. Os fiéis radicais de toda espécie provocaram mais maldade que todos os malandros e psicopatas juntos. As ameaças hoje são apocalípticas pela junção de armas de extermínio maciço com espírito fundamentalista. Daí a importância do presente trabalho, profundo e científico, sobre o fenômeno do fanatismo, esclarecendo-o e oferecendo elementos para imunizar-nos a respeito dele.

O fanatismo se vincula com todos os aspectos da natureza humana, sadios e doentios, conscientes e inconscientes, racionais e irracionais, incubados e manifestos. Atinge indivíduos, grupos e grande massa. A pulsão para o extremo, para a divisão e para a projeção salta do profundo da psique humana, mas as idéias fanáticas se forjam na sociedade e na história, protegidas não raramente por poderosas instituições e a seu serviço. Entre as paixões humanas talvez seja o fanatismo uma das

mais enigmáticas. Por que uns se transformam em monstros e outros em santos em situações totalitárias excepcionais: Edith Stein e os SS da Alemanha de Hitler? Por que jovens reagem ora altamente sensíveis ora com condutas destrutivas?

Só um trabalho interdisciplinar oferece alguma percepção da complexidade do tema. O livro pretende iluminar não tanto as condições político-econômicas e históricas de surgimento do fanatismo, mas também as suas raízes psíquicas internas. Que forças conscientes e inconscientes subjazem na pulsão humana para o extremo que nos fazem susceptíveis de fanatismo? Como nos manter vigilantes diante de carismas destrutivos e assim nos defender respeito a sempre novas demagogias e à manipulação de massas? Recorre à psicanálise por ela oferecer elementos que esclarecem paixões e mecanismos de autoengano presentes no fanatismo. Ela é atenta à desmedida do poder presente nas relações humanas e tanto mais perigoso quanto mais ele se veste de roupagem moral. Acentua a suspeita contra todas as atitudes de ortodoxia dogmática.

Ainda no interior do quadro introdutório, o livro insiste na importância de uma abordagem científica e interdisciplinar. Recorre ao acesso que a psicanálise lhe oferece para compreender a estrutura psíquica do fanático. Trabalha as teorias de S. Freud sob a epígrafe do "ethos da Ilustração". Para entender o ser humano e os seus extremos, compulsa pensadores como Melanie Klein, Otto Kernberg, Heinz Kohut. Avança a pesquisa psicanalítica para o campo da família, do grupo e da cultu-

ra, ao analisar a atuação mútua dos radicalismos privados e coletivos. Lança mão da teoria psicanalítica da identidade. A identidade apresenta-se como necessidade fundamental. E as identidades confusas relacionam-se com a pulsão para o totalismo. Em seguida, estuda a fanática virada estruturante do sentimento de identidade individual e coletivo.

Contra tal quadro, o livro desenvolve, na primeira parte, a realidade e as formas de manifestação do fanatismo, especialmente no cruzamento do fanatismo individual, grupal e de massa.

É praticamente impossível defini-lo por causa da pluralidade de camadas do conceito de fanatismo. Cada definição salienta determinados aspectos sem cobrir a amplitude do fenômeno. Os fanáticos recebem múltiplos adjetivos: ativos, agressivos, expansivos, calados, introvertidos convictos, perdidos no grupo, dependentes, alinhados etc.

O livro estuda preferentemente o fanatismo de idéias ativo, agressivo, expansivo em momentos de intranquilidade de relações humanas. Algumas dimensões de tais fanatismos: originário, induzido, de idéias, formal, construtivo, destrutivo, frio, mudo, expansivo, mole, duro, confuso, claro.

Alguns temas intimamente conexos com o fanatismo merecem destaque. Inicia estudando-o em relação com os movimentos fundamentalistas ampla e rigidamente espalhados pelo mundo desde o início dos anos 90. Há uma vaga de publicações sobre tal tema. Outro aspecto é o fanatismo movido pela pulsão do ódio. Em lugar nenhum a maldade humana se torna pior e autojustificada do que no serviço de ideais. São macabras as discussões religiosas, as guerras por causa da fé.

Prosseguindo a análise, o A. aborda a questão da divisão da consciência como

fenômeno patológico segundo a teoria psicanalítica da consciência. Cria-se uma terrível boa consciência de fazer o mal. Assim na luta contra o mal ameaçador, percebida como agir necessário, justifica-se o uso de todos os meios. Existem perversos e criminosos que se julgam em sintonia com Deus e um gozo nas próprias ações. Há aí traço sádico. O superego se divide. Para o fanático, a luta em torno de sua rígida convicção é o campo do autoamor e autodesprezo e não as relações de amizade e amor. O fanático possui traços psicopatológicos, mas não é sem mais doente. Funcionam mecanismos patológicos, no entanto, não todo o tempo.

O A. estuda separadamente o fanatismo religioso, político e moral, embora todo fanatismo tenha núcleo religioso, ao buscar o puro; político, ao querer melhorar a realidade imperfeita; e também tenha traços moralizantes intolerantes. O estudo do fanatismo religioso não quer desconhecer a grandeza da religião e as suas realizações no nível da alegria, do consolo e da criação de cultura. Trata-se, no caso, de sua perversão.

Em seguida, detém-se o livro nas disposições individuais da personalidade do fanático. As reações da sensibilidade são situações de entusiasmos extremos ou de indignação apaixonada que se deixam rapidamente voltar ao nível psíquico indiferenciado. Os preconceitos, percepções falhas, atitudes de dureza e descomprometidas obscuramente se dissociam em setores marginais do Si (Selbst) e podem produzir comportamentos virulentos. Existem períodos fanáticos de transição que são identificações com convicções radicais e que de novo se enfraquecem nalgum momento. Termina essa segunda parte com o estudo das personalidades fanáticas.

Os fanáticos originários e induzidos são aqueles nos quais emerge o passional,

sobretudo do interior da personalidade. Juntam-se determinadas características de temperamento e caráter, tensões, sensibilidade, inquietações com específicos traços da pulsão e da família, a modo de um fogo interno. Os fanáticos do dever são pessoas que, pouco impactadas pelo fogo visionário, têm, no entanto, paixão extrema de ater-se na forma de obra de arte de uma fé religiosa ou de uma idéia política. Os fanáticos sob pressão são aqueles que, sem profunda relação com uma idéia ou valor, cegamente assumem uma causa e incondicionalmente realizam o que lhes confiaram. Termina com dois parágrafos dedicados ao fanatismo de grupo e de massa.

Numa segunda parte, o estudo se centra no surgimento do fanatismo nas pessoas e na comunidade. A camada mais profunda do fanatismo se situa no abalo da confiança fundamental. O fanático, em última análise, aspira nas visões e utopias a algo lá atrás, à busca pela proteção absoluta, à absoluta harmonia, ao desligar total de toda imperfeição, do mal, isto é, à libertação do profundo medo da existência. Outra fonte é o sentimento de vergonha doloroso e aniquilador. Por trás do lutar radical contra o mal externo encontram-se profundos ferimentos do Si individual e coletivo. O terrorismo funciona como arma do impotente.

Uma outra fonte infantil do fanatismo se encontra na fixação do complexo de Édipo, aquela temática irracional do poder, do triunfo, do sentimento de culpa da vida humana.

A adolescência mostra afinidade com a radicalização. A dissolução estrutural da personalidade adolescente relaciona-se com o impulso para o totalismo. Pela primeira vez na adolescência, a pessoa está na condição de pôr o consistente em questão, de pesar as alternativas

radicais de visão de mundo e de ligar concretamente o excesso utópico e a raiva indignada a imagens prévias e inimigas. Fase da vida altamente sujeita às oscilações extremas de atitudes e a oposições cobiçadas, a descaminho por influência doutrinal. A visão apaixonada e a capacidade de entusiasmar-se na adolescência se tornam campo fértil para o fanatismo em conflito com a autoridade estabelecida ou por ela manipulada. A confusão sobre a própria identidade se faz ponte de acesso ao fanatismo. Cria-se, segundo Erikson, um estado de perda de iniciativa e de medo, um doloroso sentimento de estar sob pesada pressão do tempo, não sobrando energia para dar o passo para a idade adulta.

A reestruturação fanática da identidade se processa por um deslizar para um mundo paralelo. A fase da adolescência consegue ou um equilíbrio ou se endurece na personalidade fanática. Por que acontece a segunda possibilidade? Assim, por exemplo, da movimentação de protesto da juventude de 1968, somente alguns poucos assumiram a luta armada. Por quê? Há muitas teorias explicativas. E o A. aponta para várias hipóteses.

Termina as análises com uma última reflexão sobre a solidão, a incapacidade de intimidade e de generatividade do fanático. Há falha fundamental de sentimento que cega o fanático para as conseqüências do próprio agir em si e nos outros.

Depois dessa brilhante análise teórica e bastante ampla do fenômeno do fanatismo, o livro dedica longo estudo a dois casos: a pessoa de Hitler e nazistas, e o exército vermelho. Como alemão, sente-se mais próximo deles. A personalidade de Hitler, a sua carreira política, personagens mais próximos dele, a ditadura, o holocausto foram analisados.

O segundo caso, mais recente, foi o do “exército vermelho” que se formou a partir dos finais dos anos 60. O livro oferece excelentes elementos para interpretar essas duas trágicas experiências de fanatismo.

O livro termina com um olhar sobre a atualidade depois de 11 de setembro de 2001. No início do século XXI, o mundo, como nunca, foi visitado pelo ódio, violência e fanatismo. Parece que se abriu a era do mega-terrorismo. Em muitas partes do mundo, conflitos religiosos e políticos de maneira perversa são conduzidos por meio do fundamentalismo religioso. E o estudo

conclui com reflexão sobre a luta cultural religiosa tanto no mundo ocidental como muçulmano.

Estamos diante de excelente obra que vasculha os subterrâneos do fanatismo, do terrorismo, tanto no nível das personalidades individuais quanto dos grupos e de massa. Quem se interessa por semelhante temática tem aí material para muito estudo e de alto valor científico, bem documentado.

João Batista Libanio SJ